

**CRÔNICAS DE VIAGENS E A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE NATAL NA
OBRA *O TURISTA APRENDIZ* DE MÁRIO DE ANDRADE**

**CHRONICLES OF JOURNEYS AND THE REPRESENTATION ABOUT THE CITY OF
NATAL IN THE WORK *THE LEARNER TOURIST* BY MÁRIO DE ANDRADE**

Cristiano Mello de Oliveira

Aluno Especial do Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Escritor de crônicas e ensaios literários

E-mail: literariocris@hotmail.com

RESUMO

O presente ensaio busca acrescentar novas interpretações e refletir acerca da representação da cidade de Natal, descrita pelo escritor Mário de Andrade. Ao abordar, através de recortes textuais, reflexões sobre a imagem da cidade, surgem duas questões cruciais que limitarão este trabalho: uma de fundamento teórico e outra de fundamento histórico. Durante tal empreitada, também objetiva-se articular as formas de interação do escritor com a própria cidade. Para tanto, analisou-se trechos considerados de maior significância.

Palavras chave: Representação. Cidade. Viagens. Mário de Andrade. Cidade de Natal.

ABSTRACT

This essay seeks to add new interpretations and reflect on the representation of the city of Natal, now described by the writer Mário de Andrade. To address through text clippings, reflections on the image of the city, before two crucial issues: one about theoretical foundation and the other is historical, which usually serve to limit the work. During this work we analyze also the forms of interaction with the writer's own city. For both selected portions of greater significance to be examined.

Key-words: Representation. City. Journeys. Mário de Andrade. Natal City.

1 INTRODUÇÃO

Viajar pelo Brasil em busca de fontes primitivas? Possíveis encontros com o nosso nacionalismo. Será um “Macunaíma” personificado no interior do Rio Grande do Norte? Alguns imensos e duradouros encontros com o povo nordestino? Apreciação pela cidade de Natal? Certo que sim, pelo tempo que durou a estada de Mário de Andrade nessa cidade. Obsessão em registrar tudo aquilo que observa para, no futuro, dialogar com suas outras fontes? Evidente que essas indagações não são ociosas, já que aqui se busca tratar do grande e respeitado escritor Mário de Andrade.

A pesquisa centra-se em aprofundar interpretações e identificar como o escritor Mário de Andrade representa a cidade de Natal¹ na sua obra “O turista aprendiz”. “A segunda força da literatura, é sua força de representação. Desde os tempos mais antigos até as tentativas da vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa.” (BARTHES, p. 22)

Em diversas ramificações do conhecimento, cada vez mais surgem estudos sobre literatura e cidade. Filósofos, historiadores, cronistas-viajantes – todos com olhares de etnógrafo. Estes pesquisadores realizam uma grande missão - tentar compreender os caminhos literários entrelaçados, compostos de vários discursos e linguagens, inseridos diretamente no âmbito citadino. “Por toda a história das ciências sociais, os principais autores têm sido viajantes ocasionais ou permanentes.” (IANNI, 14). É Cansativo e exaustivo para os andarilhos à moda *mariodeandrade* investigar e realizar tal empreendimento? Muitos viajantes ousaram a fazer tudo isso? Pouco provável que conseguissem aprofundar e concatenar conhecimentos desse gênero literário, denominado crônicas de viagens. “O gênero da narrativa de viagem aparece como uma forma particular da autobiografia e participa de seu estatuto ambivalente, entre discursos sobre si, confissão, observação e ficcionalização da realidade” (NITRINI, 1998, p. 51). De fato isso exige no mínimo uma visão de mundo e de viagens ao redor desses centros urbanos. Talvez, uma análise reflexiva meândrica, que se espraia e se avoluma em várias direções? Provavelmente sim. Embora, de fato, o escritor Mário de Andrade trafegue na superfície urbana - imagina e cria, ora interagindo, ora registrando e anotando tudo aquilo que pode observar. “À medida que viaja, o viajante se desenraiza solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades.” (IANNI, 1968, p. 31)

Uma cidade exótica e exuberante como Natal é o cenário de maior abrangência da obra² *O turista aprendiz*, já que nosso escritor Mário de Andrade deslumbrou-a, evocando-a com maior êxtase e prazer.

Quem viaja sem saber o que esperar da cidade que encontrará ao final do caminho, pergunta-se como será o palácio real, a caserna, o moinho, o teatro, o bazar. Em cada cidade do império, os edifícios são diferentes e dispostos de maneiras diversas: mas, assim que o estrangeiro chega à cidade desconhecida e lança o olhar em meio às cúpulas de pagode e clarabóias e celeiros, seguindo o traçado de canais hortos depósitos de lixo, logo distinguem quais são os palácios dos príncipes, quais são os templos dos grandes sacerdotes, a taberna, a prisão, a zona. (CALVINO, 1993, p. 34)

A obra *O turista aprendiz (TA)* funda-se numa poética de deslocamento do viajante, especificamente na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, muitas das vezes com caráter descritivo, em tempos diferentes, simulacro de cenários, de acordo com o seu envolvimento com a literatura, a história, e a cultura brasileira. Uma prova cabal desse deslocamento estético, demasiadamente claro, fica impressa nas andanças exaustivas e freqüentes do escritor pelas cidades na qual visitou e registrou: “É triste a gente viver ao léu das informações, praceando da sua rua calçada, bonde lapa, escrevendo, trabalhando, querendo ser útil, dando por paus e por pedras e a vaidade.” (T. A p. 232). Observando o encontro de Mário de Andrade com sua cidade idolatrada, verifica-se quanto foram marcantes suas narrativas.

2 A CIDADE E OS ESCRITORES – ENCONTRO PASSAGEIRO?

Muitas das vezes a cidade, alegoricamente ou não, acaba se tornando a protagonista da própria obra. Foi o que aconteceu com o Rio de Janeiro de Joaquim Manuel Macedo, Machado de Assis e um rol de escritores da mesma época; com a Bahia de Jorge Amado; com imaginária Macondo de Gabriel Garcia Márquez, e com cidade de Natal de Câmara Cascudo.

Estes luminares debateram questões que giravam em torno do próprio arcabouço cultural e folclórico destas cidades. Foi através da geografia urbana que empreenderam uma série de caracterizações das suas personagens, assim como um desencadear de ações que sempre tiveram a *polis* como contexto. O palco desses acontecimentos era o espaço urbano aberto, como a rua.

É na rua que as coisas acontecem, é lá que se concentra a multidão. Das regras sociais impostas pelo estado, do universo da decepção, dos imprevistos, da heterogeneidade de pessoas, figurinos variados, do confronto, da luta e distinção entre as classes sociais, do lado histórico da cidade, já que cada rua recebe o nome de alguém popular. Enfim, a rua é o contraste da cidade. No entanto, para muitos escritores é mais do que isso, a rua tem alma, é o universo de vida das cidades. É o caso da obra “A alma encantadora das ruas”, na qual Paulo Barreto descreve como os habitantes do Rio de Janeiro utilizavam a rua como uma espécie de quintal de suas casas no começo do século XX.

Seja na Bahia de Jorge Amado, ou na São Paulo de Mário de Andrade, sob os céus mais diversos e os mais variados climas, a rua é a agasalhadora do enredo dos escritores. As ruas da cidade de Natal, descritas por Mário de Andrade representam o aplauso das pessoas motivadas pelo folclore regional, dos infelizes, e dos miseráveis da arte. O escritor enveredou-se no meio dos pobres e dos ricos. Por esta cidade encantadora espriaram-se diferentes tipos potiguares. A rua significa o panorama da vida pública. É na rua que as coisas acontecem.

“A ênfase na curiosidade reduziria toda a questão da descoberta e da colonização, da conquista, a um exercício intelectual em torno da insatisfação do branco com a sua própria civilização” (SANTIAGO, p. 190). Mário de Andrade era um turista incansável, curioso, com sede de radiografar sua nacionalidade, na azáfama de terminar suas crônicas em uma perspectiva forasteira e ao mesmo tempo participante, na claridade ou na quase penumbra do enoitecer, trabalhador árduo e persistente, pode-se chamá-lo de homem itinerante.

Itinerários simétricos? Isso depende muito do leitor. Transitou do centro até o subúrbio da cidade de Natal. Perscrutou entre ruas largas e estreitas. Sua peregrinação cultural foi demasiadamente fantástica. “Os relatos de viagens, reais ou imaginárias, fornecem inúmeras descrições de maravilhas: viagens meio reais, meio fictícias, como as de Marco Pólo e de João de Mandeville no fim do século XIII e no início do XIV” (LEGOFF, 2006, p. 114).

Seus desdobramentos foram duradouros. Sua trajetória interminável pela cidade de Natal está cheia de *insights* fulgurantes, junto a uma observação cheia de compaixão pelo folclore e nacionalismo. “A jornada perigrinatória implica deslocamento, um caminho que relaciona o mais íntimo com o mais universal, até que se possa retornar novamente à intimidade.” (DAMATTA, p. 103). Não são deslocamentos na horizontalidade do caminho percorrido, porém incursões na verticalidade do tempo histórico, excursões mentais em demanda com o folclore e as tradições locais.

Sua curiosidade intelectual se assemelha a de um arqueólogo buscando tesouros e cidades perdidas. Suas crônicas escritas poderiam até mesmo ser utilizadas nos filmes do corajoso herói Indiana Jones. Suas andanças são longas. Precisamente na sua expressão “estradas longas” (T. A p. 32), caminha ora com rumo, ora sem rumo, sobretudo com olhar de cronista detalhista.

Nesta altura, cabe lembrar que questionar as representações da cidade é, sobretudo, participar intensamente desse amálgama, ou seja, das leituras urbanas de distintos escritores, tidos aqui não pejorativamente como andarilhos. “A cidade é, no sentido forte, “poetizada” pelo sujeito: este a re-fabricou para seu uso próprio, desmontando as correntes do aparelho urbano; ele impõe à ordem externa da cidade a sua lei de consumo de espaço.” (CERTEAU, 1994, p. 45). O substantivo “poetizada” esclarece muito bem a harmonia e a sintonia com que o escritor abraçou a causa.

A cidade de Natal é tida como protagonista nas crônicas de Mário de Andrade, que a explora e incorpora a sua linguagem discursiva. Parece que enxerga vida nas casas, ruas e avenidas. Descortina o ar de mistério envolvente como se fosse um detetive à moda Sherlock Holmes. Registra sua arquitetura, montanhas, praias, comércio local, cartografia simbólica, folclore principalmente. “O homem do folclore exige espaço e tempo para a sua realização, insere-se totalmente neles e é aí que se sente à vontade.” (BAKHTIN, p. 266), assim como as belezas e estranhezas se cruzam, se chocam se mesclam em sua narrativa. Olhar de um homem que aguça sua curiosidade detalhista pela etnologia – complementa, cria e fiscaliza o discurso dos historiadores. Tira a prova daquilo que dúvida e verifica com seus próprios olhos essa complexidade. “Se os etnólogos são os verdadeiros responsáveis pela desmistificação do discurso da história, se contribuem de maneira decisiva para a recuperação cultural dos povos colonizados, dissipando o véu do imperialismo cultural.” (SANTIAGO, 1989, p. 19).

É importante ressaltar que, na leitura representativa da cidade de Natal, não se pode confundir ficção com realidade, contudo, será que sua leitura permite identificar esse alarmante? “O imaginário urbano, em primeiro lugar, são as coisas que o soletram. Elas se impõem. Estão lá, fechadas em si mesmas, forças mudas. Elas tem caráter. Ou melhor, são “caracteres” no teatro urbano.” (CERTEAU, 1994, p.192). Sendo assim, será que houve fidedignidade durante o processo de elaboração das crônicas da cidade de Natal?

Essa tautocronia estabelecida, jogo ambíguo, difícil de identificar quem é quem, exageros à parte. É cabível indagar: será que o poeta imaginou muito além do normal? Estudiosos de sua obra dizem que o escritor tinha “honestidade cultural”. Imaginou-se e

chegou a efervescer alguns pontos de mentira nas suas crônicas, indo para além daquilo que observava, além do pictórico. Poder-se-ia aqui empregar a denominação da escritora Flora Sussekind “imaginação ardente” (SUSSEKIND, 1990, p. 51). Aliás, aceitar essa ardência criativa, tensionada entre o documentalismo e a fantasia, implica aceitar e assinar um acordo ficcional (ECO, 1994) com o escritor, ora enxergando que essas crônicas poderiam ultrapassar os limites da realidade, ora aceitando esse compromisso tácito estabelecido entre escritor e leitor.

A obra “A cidade ausente”, de Ricardo Piglia, apresenta também uma forma de representar a cidade título, conforme se pode observar *ao pé da letra*, subtrai essa questão. Ainda assim, a crítica literária considerou que a obra representa alegoricamente a cidade. O romance também revela a preocupação do autor com os múltiplos meios de reproduzir e transmitir a informação em uma sociedade, os processos da memória e o modo pelo qual ela produz o conceito de identidade. A obra focaliza o processo de narrar à nação, de constituir a tradição, de reelaborar a identidade nacional, que deve ser pensada como constituindo um dispositivo discursivo, que representa a diferença como unidade ou identidade.

Escrever a cidade é registrar aquilo que pode ser esquecido posteriormente. No entanto, deixar esse legado para gerações futuras requer habilidade, responsabilidade e dedicação. “O tema da cidade se impõe, porém, pode-se perceber que, até dezembro de 1921, sua visão crescerá criticamente, abandonando o descritivo encantado e mergulhando na captação das contradições da cidade, contradições que se referem às cidades em geral do mundo capitalista” (ANCONA, 1992, p. 177).

Talvez seja por isso que o escritor Mário de Andrade mergulha nesse universo heterogêneo, cheio de disparidades, do qual exalta contradições. Quando o trabalho enfim termina surge a indagação. Será que esses registros de representação chegarão legíveis aos olhos do leitor? É o que se verá mais adiante.

A cidade, excluindo o significado de texto não-verbal, é uma nascente de informações, rica em estímulos de origem industrial, de vida humana e da própria percepção do literato. Mário de Andrade via cada pedacinho de terra da cidade de Natal como um efeito “saturado de acontecimentos das lendas locais, profundamente intensificado pelo tempo lendário e, por outro lado, via todo acontecimento rigorosamente localizado, condensado em objetos espaciais. Seu olhar sabia divisar o tempo no espaço” (BAKHTIN, p. 256). A forma de contato de Mário de Andrade com os cenários percorridos na cidade de Natal excedia o de

“turista leigo”, de fato, o escritor já possuía de antemão muitas informações sobre diversas questões, podendo até mesmo inventar que esteve em lugares que nunca iria passar.

Na cidade ocorrem os fatos dos noticiários, estabelecendo alguns níveis de receptáculo de discursos que interagem com outros meios, a linguagem fica livre dos caracteres e passa a incorporar ruas, avenidas e locais comerciais. Sendo assim, como Mário de Andrade coloca em prática esses discursos na sua narrativa em forma de diário? Tratar-se-á disso em trechos posteriores.

2.2 PERCALÇOS TEÓRICOS - LITERATURA E CIDADE

Indubitavelmente, a cidade representa o laboratório ficcional de cada escritor. É ali que o ficcionista ou etnógrafo, como foi considerado Mário de Andrade durante sua estada em Natal, planta as suas sementes, verificando o crescimento, ora experimenta, ora participa intensamente.

A cidade é intrinsecamente o material mais poético dentre todos. Depende como se a olhe. O predomínio do ponto de vista sobre o material é tipicamente modernista. (...) muito naturalmente, ele o [poeta moderno] estabelece domicílio na cidade moderna pluralista. (...) A postura (defensiva, mas arrogante) tornou-se a pose clássica dos escritores modernistas, a discussão com um interlocutor imaginário, converteu-se no próprio modo de existência de muitas obras de arte modernistas (HYDE, 1989, p. 276 apud ASSIS FILHO).

Esse cenário citadino volátil, como era a cidade de Natal, ofertando mudanças para todo gosto, paradoxo de sua vivência na cidade de São Paulo, foi protagonista de sua linguagem escrita. O escritor participa das mudanças frenéticas e interrompidas, utiliza seu sincretismo cultural em transição, vítima, muitas das vezes, da imaginação efervescente de outros escritores que realizaram quase a mesma empreitada.

O texto da obra *O turista aprendiz* - apresentado como gênero híbrido, muito próximo ao do diário (documento histórico e literatura) - foi muito criticado por apresentar um caráter fragmentado, frases indecisas, pouco definidas, e estrutura interrompida, que aqui se permite chamar de irrupções circunstanciais do vai-e-vem dos intervalos da escrita. Daí o fato de ser saltitante irregular e quase sem planejamento prévio, visando responder as inquietações do autor e do leitor. Muitas vezes, o escritor pode escrever tais crônicas de acordo com suas motivações internas. A obra não corresponde ao anseio da perfeição e muito menos busca uma estética organizada.

Sua descrição abundantemente coberta de informações ricas e culturais é colorida, detalhista, de alta fatura literária, consegue transparecer a vida cotidiana das pessoas de forma elegante. Esmiúça os ditados populares, conversando e sentindo as emoções dos cidadãos. Utiliza sua subjetividade coberta de reações emotivas, reforçadas pelo ritmo das expressões e frases. Sua linguagem está coberta de adjetivos, onomatopéias e ironias nas falas.

Mário de Andrade conhece lugares inusitados e exóticos da capital portuguesa. Suas crônicas são cobertas por um rastrear de fontes e pistas inesgotáveis de idéias libertárias. O olhar de turista incansável, muitas das vezes buscando compreender essa geografia exótica, assim como a forma de descrição ousada, acaba levando seus leitores a perceberem semelhanças entre as crônicas do livro *O Turista Aprendiz* e os livros de informações turísticas da *Lonely Planet*.

Passageiro e temporário Mário de Andrade? Não exatamente isso sugeriam suas andanças, muito menos o cenário, mas informar àquele turista ou viajante ansioso com o próprio tempo e experiência de vida, assim vejam como tudo se inicia em sua vida.

2.3 BREVE ABORDAGEM DAS VIAGENS DE MÁRIO DE ANDRADE

O escritor Mário de Andrade teve poucas experiências de viagem durante sua juventude. No entanto, vivenciou-as com dedicação e aproveitou para coletar materiais primitivos, como verifica Telê Porto Ancona Lopez, a conotação de civilização, atribuída ao que é primitivo é uma constante, especificamente em assuntos ligados ao estudo do nacionalismo.

A primeira viagem, realizada com a chegada em 1924 do escritor francês Blaise Cendrars no Brasil, buscava fontes do primitivismo, durante explorações no interior de Minas Gerais, juntamente com o grupo dos modernistas da cidade de São Paulo, naquela época. Mário de Andrade pôde registrar momentos de festas tradicionais, danças típicas, hábitos e costumes de algumas comunidades. Após essa proximidade com fatores de natureza folclórica, houve uma considerável mudança no feitiço estético-artístico de suas obras.

Em outro projeto de viagem, Mário de Andrade já estava bastante amadurecido. Essa jornada de pesquisas se deu no início do ano de 1927 em direção ao norte do País. A embarcação Pedro I estava aguardando sua comitiva, no porto do Rio de Janeiro, para darem início aos seus registros etnográficos que, mais tarde, resultariam na obra *O turista aprendiz*.

Durante tal empreitada, o escritor agora objetivava novos destinos para compreender, dialogar com as comunidades, sua cultura regional, anotando, “... articulada em lendas, mitos e ritos recontados pelos cronistas, pelos jesuítas e por alguns antropólogos contemporâneos.” (BOSI, 1994, p. 333), convivendo junto, registrando e, para isso, projetando em textos posteriores a personalidade do brasileiro, formada hibridamente por diversas peculiaridades.

Ao longo de suas leituras de obras de Folclore, Mário irá entendendo o Norte e o Nordeste como ricos repositórios de tradição e cultura popular, que anseia conhecer diretamente. (ANDRADE, 1983, p. 16)

A temática das viagens permeia a obra do escritor Mário de Andrade que, muitas vezes, precisou romancear seus diários-crônicas para fugir da realidade pragmática que envolvia seu universo turístico etnográfico:

O tipo de romance de viagens tem como característica uma concepção puramente espacial e estática da diversidade do mundo . O mundo é uma contigüidade espacial de diferenças e contrastes; já a vida é uma alternância de diferentes situações contrastantes: sucesso-insucesso, felicidade-infelicidade, vitórias-derrotas, etc. (BAKHTIN, 2003 ,p. 206)

Uma desvantagem que, segundo o teórico Mikhail Bakhtin, seria a ausência de um sentido substancial e de colorido histórico, ou seja, são caracterizados por tempos passageiros de aventuras, com expressões tais como: “no mesmo instante”, “no instante seguinte”, “chegou atrasado”, “chegou adiantado” etc.

No entanto, acima de tudo, é importante ressaltar que durante a confecção dos escritos da obra *O turista Aprendiz*, especificamente a cidade de Natal que está sendo analisada, o escritor Mário de Andrade abordou em demasia a diversidade do mundo, dialogando também com algumas formas literárias.

2.4 BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE NATAL – INICIO DO SÉCULO XX

Os norte-rio-gradenses são alcunhados papa-jerimum. Nem histórica e menos ainda economicamente a cucurbitácea é determinante sensível (CASCUDO, p. 20, 1976).

A epígrafe demonstra a vivência desse folclorista, coberta de tradições, alguém que nasceu e morreu na mesma cidade. Câmara Cascudo ilustrou sua cidade com palavras poéticas – vibrou de desejos nacionalistas – foi assim que o escritor Mário de Andrade surpreendeu com suas vibrações alegres e entusiastas.

Os documentos históricos que poderiam atestar a fundação da Cidade do Natal foram destruídos durante o período de ocupação dos holandeses, mas a versão hoje mais aceita é a de que, feitas as pazes com os índios, Jerônimo de Albuquerque fundou em 25 de Dezembro de 1599, meia légua acima da fortaleza, o que passaria a se chamar de Cidade do Natal (em homenagem à data). Esta data é aceita como praticamente certa, pois foi neste dia que foram inauguradas a igreja matriz e o pelourinho da cidade.

Já no século XX, pela sua posição geográfica, na esquina do Brasil e ponto mais próximo da África e da Europa, Natal teve grande importância estratégica no movimento Republicano, na Revolução de 1930 e, principalmente, durante a 2ª Guerra Mundial.

Em 1942, quando os norte-americanos construíram uma base naval em Natal e uma base aérea na cidade de Parnamirim (vizinha a Natal) houve um grande aumento no nível populacional na região, que passou para aproximadamente 55 mil.

No ano de 1935, a cidade de Natal acabou sendo a pioneira de uma experiência única no Brasil: a criação e instalação de um governo comunista denominado “Comitê Popular Revolucionário” que, praticamente sem resistência, se fixou na residência do governador (na época a Vila Potiguar), publicou o jornal “A Liberdade” e dirigiu manifesto ao povo. Ao final de 4 dias, quando recebeu notícias de que a resistência estava vindo de Recife e da Paraíba, o dito comitê retirou-se estrategicamente. Em 24 de Janeiro de 1943, a capital do Rio Grande do Norte foi palco do encontro histórico entre os presidentes Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt.

2.5 MÁRIO DE ANDRADE E A CIDADE DE NATAL

A geografia fantástica do Brasil, como do restante da América, se tem como fundamento, em grande parte, as narrativas que os conquistadores ouviram ou quiseram ouvir dos indígenas [...] (BUARQUE, 2004, p. 70)

A epígrafe acima permite imaginar e comungar com a grandeza do País. Os recortes geográficos, a fauna e a flora, as montanhas, o povo ancestral e os descobridores que ajudaram muito na compreensão narrativa da nação brasileira.

A jornada ao interior nordestino já estava planejada e com as despesas calculadas desde 1926, porém, somente pôde ser concretizada em dezembro de 1928. A chegada pelo litoral se deu no Recife, em 3 de dezembro. Depois do percurso marítimo, os viajantes seguiram por terra e só retornaram à metrópole paulista em 20 de fevereiro de 1929.

As posteriores visitas e estadas nas cidades de Natal, Recife e Parahyba (atual João Pessoa) serviram de base para os levantamentos e pesquisas de Maria do Andrade. A capital do Rio Grande do Norte foi o *locus* escolhido pelo autor para maior tempo de permanência.

Passaram um mês e meio na capital potiguar, treze dias na pernambucana e onze dias na paraibana. Mário chegou a Natal no dia 14 de dezembro, uma sexta-feira, foi recepcionado na estação ferroviária da “Great Western³” por Câmara Cascudo, que o hospedou.

No jornal “A Republica”, o escritor avisou que sua visita ao Rio Grande do Norte se prendia a “estudos literários”. Este jornal também publicou uma pequena notícia social informando que o jovem Afonso Bezerra - acadêmico do 1º ano do curso jurídico – viajara no mesmo trem que o escritor paulista Mario de Andrade sem que houvesse nenhuma indicação de contato entre ambos.

A visita do escritor movimentou a intelectualidade da cidade de Natal. O colunista Aderbal de França apresentou Mário de Andrade como “vanguardeiro de uma das principais correntes do pensamento brasileiro”. Ele perguntava; “e a que veio o notável escritor de ‘Macunaíma’?”, para mais adiante responder: “na sua simplicidade habitual, estudar as tradições da nossa terra, para decantá-las na feição moderna que tão bem sabe lapidar os hábitos conservadores da nossa raça”.

Cabe lembrar que o escritor Mário de Andrade embevecia sua narrativa, contrastando elementos do amalgama proletariado, jogos e brincadeiras tradicionais populares. O escritor apreciava a cultura, as festas populares, o artesanato local, a tradição do povo, o comércio improvisado, a culinária e as bebidas locais, as praias e os banhistas.

A seguir, apresenta-se algumas observações sobre como o escritor Mário de Andrade enxergava e montava esse tipo de representação: a cidade como seu principal tema.

2.6 REPRESENTAÇÃO DE NATAL PELO ESCRITOR MÁRIO DE ANDRADE

Estar fora de casa , e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente (BAUDELAIRE, 1996, p. 21).

Selecionou-se as palavras desta epígrafe do poeta francês Charles Baudelaire, especificamente a frase “estar fora de casa, e, contudo sentir-se em casa” para ilustrar a felicidade interna de Mário de Andrade. Projetá-la em sorrisos e encantos. Viajar e sair da

rotina da capital paulista foi muito gratificante para que o escritor pudesse enriquecer sua alma e sua maior paixão: a literatura brasileira.

“E por hora e meia assim, ventada, despoeirada, o trem-de-ferro que vem de Pernambuco, vai fazendo “vuco, vuco” e entra em Natal. Pontualmente. Quatorze horas.”²⁴ (T. A, p. 231). É com essa “passagem expressa” que o escritor Mário de Andrade chega à capital do rio Grande do Norte. Passagem não tão passageira. O trem acelera na ferrovia antiga deixando para trás a cidade de Recife. Como o escritor enxerga e fotografa através das suas escrituras essas emoções? Indagação pertinente levando em conta o tempo que Mario de Andrade levou na própria cidade, quase trinta dias, buscando empreender aquilo que mais amava.

O escritor chega à cidade de Natal cansado das andanças, exausto, porém, a ironia do destino é que está chegando perto das festas natalinas “Me deito depois deste primeiro dia de Natal. Estou que nem posso dormir de felicidade.” (T.A, p 231.). O substantivo “felicidade” resume a alegria do escritor e a alegria de suas escrituras.

Alegria que se transformaria em um primeiro olhar exótico, talvez ao estranhamento que deslumbrava a terra quase intocada pelo olhar curioso, poético e bastante sensível para imaginar “O vento canta, os passarinhos, a gente do povo passando.” (T. A, p. 231). Assim, entrega-se à observação pictórica e singular da cidade de Natal.

A gente do povo, cultivadora de folclores, serviu de fonte primária para que o escritor compusesse o ambiente místico e, muitas vezes, enriquecedor de suas obras. A ambição de fornecer documentação para seus discípulos era prazerosa para Mário de Andrade, porém, há trechos em que o escritor desabafa para justificar tal missão. “Já afirmei que não sou folclorista. O folclore hoje é uma ciência, dizem... me interesse pela ciência porém não tenho capacidade pra ser cientista” (T. A, p. 232). Mário de Andrade alerta os curiosos: “Minha intenção é fornecer documentação pra músico e não, passar vinte anos escrevendo três volumes sobre a expressão fisionômica do lagarto” (T. A, p. 232).

No trecho a seguir, o conteúdo teórico dialoga e sustenta aquilo que Mário de Andrade sempre fez questão de frisar na expressão “pluralidade da memória coletiva”, que formava um enriquecimento nacionalista.

A realidade do mundo social é múltipla, daí ela se opor à filosofia, sistema de conhecimento que ordena e compreende esta multiplicidade. O folclore como universo simbólico de conhecimento, se aproxima do mito e se revela como o saber do particular. A pluralidade da memória coletiva deriva justamente do fato de ela se encarnar no grupo que a representa. Sua fragmentação não decorre de uma pretensa

debilidade imanente ao popular, mas sim da diversidade dos grupos sociais que são portadores de memórias diferenciadas. (ORTIZ, 1998, p. 138)

Ao resgatar a nacionalidade brasileira, Mário de Andrade enobrece aquilo que observa, especialmente a cidade de Natal. Muitas vezes, o escritor descreve de forma informativa e fotográfica aquilo que consegue deleitar com enorme prazer. Esse gozo é transmitido ao leitor turista em uma linguagem lírica, certamente emocionada.

Gosto de Natal demais. Com os seus 35 mil habitantes, é um encanto de cidadinha clara, moderna, cheia de rua conhecidas encostadas na sombra de árvores formidáveis. De todas estas capitais do norte é a mais democraticamente capital, honesta, sem curiosidade excepcional nenhuma (T. A, p. 232).

Assim pensando, quiçá erradamente, seja isso um dos grandes motivos que impulsionou o escritor a aumentar o período de sua estada na cidade, e certamente com isso ampliar o eixo das suas visões de fontes primárias.

Esse exagero de linguagem, hipérbole lançada ao sol, deslumbramento intenso gosto pela região, sensação de singularidade, também é composto pelo escritor Gilberto Freire no ensaio *O Nordeste do Massapé*, conforme demonstra o trecho a seguir:

Um Nordeste onde nunca deixa de haver uma mancha de água: um avanço de mar, um rio, um riacho, o esverdeado de uma lagoa. Onde a água faz da terra mais mole o que quer: inventa ilhas, desmancha istmos e cabos, altera a seu gosto a geografia convencional dos compêndios (FREIRE, 1971, p. 13).

Esse olhar bastante prazeroso sobre a região nordestina, especificamente a cidade de Natal está também muito relacionado ao desencanto exaustivo da sua cidade natal, a metrópole São Paulo. E para completar suas inquietudes, o escritor lança a pedra contra aquele morador que só enxerga sua terra como horizonte promissor e:

O mais engraçado de tudo isso é eu estar pleiteando feito bairrista por São Paulo... Tenho a mais completa ignorância por São Paulo, “ pátria minha”. Já falei nisso, é verdade. Juro: meu interesse não é que São Paulo tenha cultura, porém que o Brasil seja um corpo bem igualado. Até as vezes me ponho imaginando que o progresso de São Paulo é um mal pro Brasil, porque faz desta nossa terra harpiforme um desequilíbrio expandongado e anormal (ANCONA apud ANDRADE, 1977, p. 217).

Mário de Andrade não repudiava a cultura paulista, somente tentava encontrar uma maneira na qual ela poderia se engrandecer e ampliar os horizontes de outras regiões. Muitas vezes, o escritor ficava inconformado com a invasão da Região Sudeste pelos nordestinos. O escritor amava a região nordestina, pois sabia que era lá que estavam suas fontes primárias de

estudos folclóricos e o cerne da nação. Acima de tudo, preocupou-se em ser um pesquisador responsável. Utilizou um discurso fecundo para descrever as belezas naturais. Amou Natal tanto quanto seu amigo folclorista Câmara Cascudo. O olhar lento e detalhista deste trecho da prosa do escritor remete a ociosidade do local.

A praça Padre João Maria, com o busto do bom no centro, é uma ventura de quase pátio, um dos melhores encantos de Natal. Noutra praça vasta senta a Escola Doméstica, orgulho do ensino profissional norte-riograndense. Vem o palácio do governo, familiar, aberto, casa excelente. A prefeitura, um bocado pretenciosa se enfeita acolá. Os espaços vão se tornando cada vez mais largos (T. A, p 233).

Estranha afinidade vai-se insinuando, assim, na concepção do antropólogo Roberto Damatta a praça também aludia características imponentes da beleza externa, contrastando com a relação de vida pacata.

A praça, como já indiquei, representa os aspectos estéticos da cidade: é uma metáfora de sua cosmologia. Nela estão juntos os jardins e é ali que se cristalizam os prédios mais básicos da vida social da comunidade: a igreja (que representa a linha do poder religioso) e o Palácio do governo ou a Prefeitura (representando o poder político) (DAMATTA, 1990, p. 94).

Nestas linhas percebe-se a centralidade desse lugar fantástico – Natal - através de uma linguagem simples, na forma de diário. Como escreve Mário: “o centro é ali, Hotel Internacional, restaurantes, barbearias, redações, bancos, casas de comércio, telégrafo. É tudo ali mesmo, na rua que a escadinha abriu no meio do arvoredo, com todos os bondes e ônibus da cidade-passando.” (T.A, p. 233). Esse trecho dialoga especificamente com o comentário teórico abaixo.

No centro, diferentemente, temos a zona de concentração comercial, local onde as transações impessoais são realizadas. É evidente que, em muitas cidades, o centro coincide com a praça (DAMATTA, 1990, p 94).

Repensando a cidade de Natal de outra perspectiva, cabia a Mário de Andrade caminhar e registrar as pessoas e seus hábitos – especificamente o de frequentar as casas dos outros, fazendo daquilo um estilo de vida tão distinto ao da cidade grande.

Pouco adiante a areia empina numa duna secular, já fixa. É o Areal chamado, um morro cheio de casas proletárias alinhadas numa rua bem larga rodando no vento. Por ali moram embracadiços, catraieiros, operários das docas. Duma ou doutra casa o candieiro vem na porta ver a gente passar. A rua está viva. Sons de pandeiro, pessoal se chamando, um tambor mais pra longe e na porta da venda um ajuntamento. (T.A p. 236)

De fato os vizinhos da cidade de Natal eram bem mais próximos do que na cidade de São Paulo, e seu amigo Câmara Cascudo iria comprovar isso através de seu manifesto ideológico do complexo do vizinho. Indignação do folclorista? Somente um desabafo para o entendimento dessa relação pouco humana.

Em cidade grande não há vizinho. Ignora-se o nome. Os moradores nos edifícios de apartamentos, próximos como em casa de térmitas, vivem mentalmente longe. Muito mais vizinhos são os amigos que vivem distanciados que os divididos por finas paredes de cimento armado (CASCUDO, 2002, p. 18).

Será que essa “lonjura de distância” dos vizinhos não amedronta os potiguares que desejam tentar a vida na metrópole de São Paulo? Provavelmente o calor humano irá faltar, porém, a necessidade é ganhar a vida e conquistar uma independência melhor para os familiares. No entanto, essa fuga em massa pode romper com as tradições já existentes.

Ultimamente no alto sertão do rio Grande do Norte, e muito no Ceará também, a emigração pra S. Paulo está grassando. Centenas de homens de um dia pra noite resolvem partir. Partem, sem se despedir, sem contar pra ninguém, partem buscando o eldorado falso que nenhum deles sabe o que é... (T. A, p. 238).

Em outras palavras, o escritor acaba se sentindo um estrangeiro em terras nacionais, muitas vezes, repudia a cidade de São Paulo, considera européia demais para seu convívio – precisa expandir seus horizontes e compara-los com aquilo que já conhece junto a isso, elaborar novas formas de olhar o mundo.

À medida que o olhar caminha pela geografia e pela história, atravessando fronteiras e épocas, são muitas as travessias que demarcam as viagens, por terra, mar e ar. Em praticamente todos os campos de conhecimento, há sempre aqueles que realizam uma reflexão passeando o olhar por outros lugares e outras épocas, ou mergulhando-o no mesmo lugar, rebuscando épocas. A inquietação e a interrogação caminham juntas, sempre correndo o risco de encontrar óbvio ou o insólito, o novo ou o fascinante, o outro ou o eu (IANNI, 1968, p. 25).

Saindo um pouco da rotina, em um movimento brusco, o escritor busca compreender a paisagem da entrada da cidade, junto a isso se envereda em uma linguagem poética e ritmada.

Quando a gente chega em Natal, vindo do mar, a atenção faz esquerda-volver. Se penetra a boca do rio Potenji historiada pelo forte dos Reis Magos e logo à esquerda Natal se abana ao vento. Na direita a vista é monótona, mangues, a careca das dunas e um ajuntamento de coqueiros (T. A, p. 243).

Nesse trecho, o escritor tenta explicar de forma retrógrada aquilo que parece já ter observado anteriormente, quando chegou à cidade - aqui se torna oportuno recuperar a

expressão “esquerda-volver” - mera semelhança de uma expressão militar? Supostamente o escritor a incorporou ao contexto de diário de viagens, pois sabe-se que, quando jovem, Mário de Andrade passou um período na caserna que lhe deixou lembranças. Ao olhar para a natureza, o escritor não arriscou utilizar a expressão “monótono” para caracterizar o pacato e a lentidão. Mario de Andrade adotou a cosmovisão das comunidades que visitava, conhecendo expressões locais e criando um repertório de neologismos que constantemente se fazem presentes nos seus escritos.

Novamente o escritor navega no bairro proletário para vivenciar e experimentar novas formas de enxergar o mundo e registrar essas anotações. A expressão “vida de habitação” explicita esse tipo de comentário.

Já contei os mocambos do Recife me horrorizavam. A vida de habitação que levam aqueles milhares de trabalhadores e, meu Deus! Também de vadios, deve de ser pavorosa. No percurso da Great Western me pareceu que o físico humano baixou de saúde e de simpatia na Paraíba (T. A, p. 258).

No meio das “classes inferiores” continuava o nosso escritor, quase em ritmo frenético para acompanhar o cotidiano dos bairros, semelhante a um turista europeu que se encanta com a Rocinha do Rio de Janeiro - vontade de conviver com essas classes tidas como inferiores? Evidentemente que sim, pois tinha que registrar tudo com lentes de aumento se necessário. Agora, porém, a imagem de vadios beirando a linha do trem passava para trabalhadores sofridos, vivendo isolados, longe de tudo, abandonados conforme a descrição do escritor.

Em Natal, os bairros onde param os proletários são principalmente dois: o do Alecrim e Rocas. Também nas alturas da Lagoa Seca mora bastante operário que devido a careza do bonde, come areia todo o dia pra atingir o centro da cidade, longe (T.A p. 259).

Quando o escritor Mário de Andrade designa os dois bairros de proletários e realiza tais observações, representa também uma região onde as pessoas convivem muito próximas uma das outras, ou seja, dividem quase o mesmo espaço, como se fosse um conjunto de habitações. Veja como isso pode dialogar na citação a seguir.

Além disso, o bairro é o espaço de uma relação com o outro como ser social, exigindo um tratamento especial. Sair de casa, anda pela rua, é efetuar de tudo um ato cultural, não arbitrário: inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes (os vizinhos, a configuração dos lugares etc.) (CERTEAU,1994 p. 43).

Ainda em crônica da mesma data, porém permanecendo longe do centro de Natal e de tudo que estava ao seu redor, o escritor resolve quase entrar na casa do trabalhador e observar como era sua rotina antes de se apressar para o trabalho e pegar a “careza do bonde”.

O operário toma seu cafezinho de manhã: vai pro serviço. A maioria trabaça no algodão e no açúcar. Descalços no geral, calça e paletó de algodãozinho, às vezes sem camisa, que calor! Cobrindo a cabeça com o chapéu de palha de carnaúba, muitas feitas de forma fantasista, muito engraçada (T. A., p. 260).

Calor em excesso? Rotina um tanto caótica? Constantemente o escritor reclamava disso. Para compensar, somente dando risada do figurino desse povo. Era preciso analisar também o figurino da cidade em contraste com tal espetáculo.

A cidade já é sua permanente e móvel exposição: mil modos de vestir-se, de circular, de decorar, de imaginar traçam as invenções nascidas de memórias ignoradas. Fascinante teatro, que se compõe dos gestos sem número que utilizam o léxico dos produtos de consumo para dar linguagem a passados estranhos e fragmentários (CERTEAU, 1994, p. 199).

Certamente a cidade de Natal conquistou o todo elenco participante, consumiram dias de viagens e noites mal dormidas, permanente ou passageiro, não interessava isso, o certo é que na memória de muitos leitores das crônicas de Mário de Andrade irá permanecer a imagem de um homem que fez muito pela nação e sociedade brasileira.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A árdua tarefa de registrar tudo aquilo que observa termina com sucesso. Sua laboriosa gestação de cronista viajante consegue terminar tal etapa. Já finalizou seus escritos? Crê-se que sim. O cansaço é notório depois de alguns dias de trabalho. Tanto para o ensaísta quanto para o cronista. A interpretação fica por conta do leitor desse artigo ou das crônicas da cidade de Natal.

Analisando, portanto, a relação de Mário de Andrade com a polis e a sua representação na literatura, pode-se concluir que, a par das especificidades desse estilo altamente híbrido, aqui denominado “diários de viagens”, o escritor conseguiu empreender e alcançar os objetivos necessários para compreensão da identidade nacional, ou seja, juntou o útil ao agradável, não ficou enfiado num gabinete de leitura, mas saiu em busca de informações primitivas e utilizou-as para compor o universo real da cidade de Natal como protagonista das suas crônicas.

Portanto, pode-se postular que, explícita ou implicitamente, existiu por parte do escritor uma preocupação instigante em descrever e representar a cidade de Natal, mesclando a linguagem poética e pragmática em sua narrativa.

Além dessas facetas, é bom lembrar que a maleabilidade infinita do talento de Mario de Andrade permitia que o escritor utilizasse a palavra como matéria-prima singular ao enriquecimento de suas crônicas de viagens. O escritor jogou diretamente com a polissemia das palavras, criando uma espécie de língua viva do seu tempo, através de vários neologismos particulares.

O coloquialismo desejado das crônicas mariodeandradianas, que absorve conscientemente os “erros” para ganhar em vivacidade e que reconhece seu próprio caráter transitório e precário, funciona como um registro quente e dinâmico do tempo, irmanando-se ao público (ANCONA, 1992, p. 168).

Objetivando oferecer possíveis direções de leitura que procuram fornecer apoio e interpretação, lançando novas luzes para outras crônicas que o escritor se empenhou em realizar e registrar para todos aqueles que apreciaram sua obra.

NOTAS

- 1 Aqui a cidade é representada como enredo de suas crônicas, ora observando paisagens, ora seu povo, ora se folclore, seu povo proletariado e enfim seu aspecto global dentro da obra *O turista aprendiz*.
- 2 A viagem para cidade de Natal terá como referência o período de 15 de dezembro à 05 janeiro.
- 3 The Great Western of Brazil Railway Company Limited foi uma empresa ferroviária inglesa que construiu e explorou ferrovias no Nordeste do Brasil. Seu funcionamento no Brasil foi autorizado em 1873, quando conseguiu a concessão para construir uma ferrovia em Pernambuco que ligaria o Recife a Limoeiro.
- 4 Utilizar-se-á a abreviatura T. A nas referências a obra *O Turista Aprendiz*.

REFERÊNCIAS

- ANCONA, Lopez Telê. *Mário de Andrade: Ramais e caminhos*. São Paulo: Universitária, 1977.
- ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre música brasileira*. São Paulo: F. Chiarato e Cia, 1928.
- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

- ANDRADE, Mário de. Viagens etnográficas de Mário de Andrade: Itinerário fotográfico. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 11, São Paulo, 1972.
- ASSIS FILHO, Anísio. *A representação da cidade na poesia de Waly Salomão*. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/60/1663.pdf>> Acesso em: 10/12/2008.
- BAKHTIN, Mickail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. Representação da história em Walter Benjamin. 2ª ed. São Paulo: FAPESP/EDUSP, 2000.
- BOSI, Alfredo. *A dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BUARQUE, Hollanda Sérgio. *Visão do paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CASCUDO, Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2002.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREIRE, Gilberto. *Seleção para jovens*. Rio de Janeiro: MEC, 1971.
- IANNI, Octavio. *Imperialismo e cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.
- LEGOFF, Jacques. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo, EDUSC, 2006.
- NITRINI, Sandra. Viagens reais, viagens literárias. (Escritores brasileiros na França).. *Literatura e Sociedade (USP)*, São Paulo, v. 3, p. 51-61, 1998.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/lsobre04.htm>> Acesso em: 10/12/2008.